



30º
CONGRESSO
BRASILEIRO
DE BIBLIOTECONOMIA
E DOCUMENTAÇÃO



25 a 29 de novembro 2024

Bibliotecas Fortes:
Sociedade Democrática Recife, PE

Eixo 1 - Não deixar ninguém para trás

Modalidade: trabalho completo

Competência em Informação na Roça

Information Literacy in rural zone

Jaires Oliveira Santos Guterres – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Resumo: Esse trabalho objetiva refletir a Competência em Informação na roça, com o afã de avançar nos estudos e ações empreendidas em espaços rurais. Para atender a essa pretensão, optou-se pela pesquisa qualitativa, onde se buscou subsídios em um levantamento bibliográfico e nos preceitos da pesquisa (auto)biográfica. Reitera-se a pertinência da escolha epistêmico-metodológica da pesquisa (auto)biográfica e seus dispositivos de pesquisa tanto para trazer à tona o modo como as pessoas lidam com a informação na roça, quanto para que (re)pensem o vivido e o (re)configurem, numa perspectiva formativa. Ademais, apresenta orientações para prover Educação em Competência em Informação na roça.

Palavras-chave: Competência em Informação. Roça. Educação.

Abstract: This work aims to reflect Information Literacy in the rural zone, with the desire to advance studies and actions undertaken in rural spaces. To respond to this claim, qualitative research was chosen, where subsidies were sought in a bibliographical survey and in the precepts of (auto)biographical research. The relevance of the epistemic-methodological choice of (auto)biographical research and its research devices is reiterated both to bring to light the way that people deal with information in the rural zone, so as to (re)think their lives and (re) configure it, from a formative perspective. In addition, it presents guidelines to provide education through information literacy in the rural space.

Keywords: Information Literacy. Rural zone. Education.





1 INTRODUÇÃO

Ser competente em informação implica acessar e usar informações com o intuito de resolver inquietações decorrentes da vida em sociedade. A Competência em Informação empodera as pessoas para pensar criticamente, refletir e emitir percepções respaldadas sobre distintas informações que localiza e usa. A Competência em Informação nos emancipa, portanto, para que possamos alcançar e proferir pontos de vistas e argumentos embasados e nos conectar socialmente.

Pesquisar a Competência em Informação na roça emana da experiência de vida da bibliotecária, professora e pesquisadora, que é da roça. A infraestrutura incipiente do povoado em que vivia, marcada pela ausência de energia elétrica, água tratada, saneamento básico e as dificuldades de acesso à informação, ajudava a tecer o ser da roça agrestiana, defendido em Guterres (2023).

Diante desse cenário, vê-se o quanto é crucial a consciência de que é preciso desenvolver e empregar Competência em Informação, para que as pessoas consigam acessar de maneira crítica e reflexiva informações para resolver problemas do cotidiano. Ampara-se em Parvathamma e Pattar (2013), Uzuegbu e Naga (2017), Pattar (2018), Oldenburg e Griesbaum (2022) e Puspita (2023) para a compreensão da pertinência de se pensar a Competência em Informação em espaços rurais. Em vista disso, essa comunicação objetiva refletir a Competência em Informação na roça, com o afã de avançar nos estudos e ações empreendidas em espaços dessa natureza.

2 ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que caracteriza-se, na visão de Yin (2016), por compreender o significado da vida das pessoas, evidenciar as perspectivas das pessoas participantes, perceber as questões contextuais em que vivem os sujeitos socialmente e contribuir com novas informações científicas aplicáveis aos conceitos existentes e/ou emergentes, que ajudam no entendimento do comportamento humano.

A partir de estudos qualitativos é possível visualizar a maneira como os sujeitos percebem a subjetividade de sua realidade. O que dialoga com os estudos de Guterres (2023) e, pretende-se, avançar com pesquisas desenvolvidas na roça, por isso: 1)



apresenta uma reflexão teórica sobre a Competência em Informação em espaços rurais; 2) reflete a pertinência das escolhas epistêmico-metodológicas em estudos da roça, quais sejam: (auto)biografia e seus dispositivos de pesquisa; e 3) tensiona caminhos possíveis para promover Educação em Competência em Informação, a partir de um planejamento e questões norteadoras do processo.

O debate aqui empreendido contribuirá para os avanços das pesquisas desenvolvidas nos espaços rurais de Riachão do Dantas, do agreste sergipano.

3 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NA ROÇA

Compreende-se que desenvolver competência para usar informações com o afã de resolver demandas que emergem das minúcias da vida em sociedade, constitui um desafio corriqueiro para as pessoas. Isso porque são diversas as situações nas quais necessita-se tensionar conscientemente a necessidade de informações, empreender atitudes assertivas no sentido de localizá-las, selecionar fontes confiáveis, compreender, sintetizar e organizar, para que seja possível compreender a pertinência e aplicabilidade.

Ademais, é imprescindível avaliar criticamente não somente a fonte e o conteúdo, como também compreender os contornos que envolvem a informação em sua completude, usar e (re)criar informações, uma vez que representam insumo fundamental para a dinâmica de construção de saberes. Partilhamos esses saberes construídos com outras pessoas e, admitimos, a necessidade premente de autoavaliar sempre esse decurso, na medida em que nos questionamos se realmente houve o atendimento à inquietação.

Torna-se cristalina a necessidade de empregar Competência em Informação de maneira contínua, de modo que abranja todas as fases da vida das pessoas. Afinal, somos seres inacabados, e, por essa razão, estamos sempre almejando por informações para construir conhecimento e aplicá-lo em situações distintas, num processo de retroalimentação.

Em Guterres (2023) defende-se que elementos funcionais, mentais e sociais convergem para que o sujeito desenvolva e empregue Competência em Informação em um contínuo de aprendizagem. Os funcionais dizem respeito ao consumo de conteúdo informacional e suas dimensões de acesso. Os mentais relacionam-se com a



(meta)cognição e o comportamento consciente, crítico e autorreflexivo dos sujeitos no decurso de aquisição e emprego de competências; além disso, inclui as emoções que fazem parte da vida das pessoas. O Social, por sua vez, reflete a Competência em Informação como um alicerce em diversificados contextos de vivências onde transitam informações.

O acesso à informação constitui um direito humano, em vista de que é assegurado às pessoas o direito de “[...] ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias [...]” (ONU, 1948). Do mesmo modo, a Constituição da República Federativa do Brasil (Brasil, 1988) garante em seu artigo 5 (cinco) que as pessoas têm direito de acessar as informações das quais necessitam. Desse modo, é possível considerar que a Competência em Informação constitui um direito, haja vista que ela empodera as pessoas para que acessem e usem informações com a finalidade de resolver inquietações cotidianas e vitais para o exercício da cidadania.

Entende-se o quão primordial é que os cidadãos(ãs) sejam conscientes de seus direitos e deveres, que consigam compreender as leis e as demais normativas que os (as) protegem. Além disso, que participem ativamente da construção e manutenção de uma sociedade democrática. Nessa conjuntura, entende-se que a Competência em Informação colabora para que essas pessoas usem as informações de maneira consciente, crítica e reflexiva e, por consequência, construam saberes e os apliquem adequadamente em sua vida.

O Chartered Institute of Library and Information Professionals (CILIP) diz que a Competência em Informação representa a aptidão humana “[...] de pensar criticamente e fazer julgamentos equilibrados sobre qualquer informação que encontramos e usamos.” (CILIP, 2018). Por outro lado, a Association of College e Research Libraries (ACRL, 2016), afirma ser um conjunto de aptidões integradas que abrange a “descoberta reflexiva da informação, a compreensão de como [ela] é produzida e valorizada e o [seu] uso na criação de novos conhecimentos e na participação ética [...]” em distintos contextos sociais de aprendizagem. Admite-se, logo, que ao empregar a Competência em Informação, as pessoas respondem a inquietações pessoais, sociais, laborais, educacionais, políticas, econômicas e culturais que conformam a paisagem de suas vidas.



As pessoas que habitam o rural ganham destaque, uma vez que esses espaços carregam consigo facetas que instigam investigações dentro da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, que por certo impregnam inovação em seu âmago, especialmente no que se refere à Competência em Informação. Desenvolver e empregar Competência em Informação nos espaços rurais colabora para emancipar as pessoas que (con)vivem nesses espaços, uma vez que conseguem requerer os seus direitos civis e, quiçá, melhorar as suas condições de vida, por meio do acesso efetivo a recursos informacionais.

Estudos que tecem a Competência em Informação em espaços rurais foram desenvolvidos por Parvathamma e Pattar (2013), da Índia, os quais buscam entender situações de acesso e uso informacional em áreas rurais, evidenciando os canais e fontes de informação usadas e as dificuldades encontradas nesse processo. Na região, cerca de 70% da população vive em aldeias e tem como base econômica a agricultura. O que coaduna com as características do espaço da pesquisa, o município de Riachão do Dantas, uma vez que a população vive na área rural e a agricultura familiar é a sua base de sustento.

Uzuegbu e Naga (2017), por sua vez, propõem uma estrutura para ensinar e aprender Competência em Informação em três degraus, quais sejam: consciência, acesso e uso. Esta emergiu a partir de um estudo empírico com os produtores rurais de mandioca na Nigéria acerca do acesso informacional, tangenciando os insumos agrícolas dos quais necessitam no trato com essa plantação. As pesquisadoras conseguiram demonstrar a esses produtores o quanto é imprescindível esse acesso e uso da informação para melhor compreensão do seu *quefazer*.

Em ocasião posterior, Pattar (2018) apresenta as etapas do modelo de Competência em Informação que surge a partir de seus estudos em comunidades rurais, são elas: a identificação da necessidade de informações, as fontes de informação relevantes, denominadas de fontes impressas, eletrônicas, humanas e institucionais, a avaliação das informações, a utilização das informações para concluir a tarefa e a avaliação do nível de satisfação em relação à resolução da demanda informacional.

As necessidades de informação, os padrões de comportamento em relação à informação e a forma como autoridades locais fornecem informação às pessoas que vivem em um distrito rural da Alemanha conformam a centralidade da pesquisa de



Oldenburg e Griesbaum (2022). Os resultados denotam que tanto os responsáveis pela disponibilização da informação, quanto os que necessitam usá-la, enfrentam desafios que evidenciam a necessidade de promover o desenvolvimento de Competência em Informação, destaca-se, nesse contexto, as fragilidades que se apresentam no processo de avaliação da informação.

A realidade de comunidades rurais africanas na Indonésia é retratada por Puspita (2023), a qual investigou o impacto de programas de competência digital para o acesso à informação. Chegou-se à percepção de que tais programas facilitam o acesso aprimorado à informação, ajudando a minimizar a exclusão digital nessas áreas carentes. Ademais, colabora para o desenvolvimento socioeconômico desses locais, em vista de que o acesso à informação, é imprescindível para a tomada de decisão no cotidiano da vida em comunidade/sociedade.

Inspirada em estudos dessa natureza e em seu próprio vivido, Guterres (2023) defende tese que elucida o sentido da Competência em Informação na vida das pessoas que vivem na roça agrestiana. Em face disso e considerando as múltiplas agendas de pesquisa que emergiram, apresenta-se o entendimento da Competência em Informação na roça e a necessidade premente de empreender ações educativas de Competência em Informação.

4 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NA ROÇA: REFLEXÕES SOBRE PROVER AÇÕES EDUCATIVAS

A informação está implicada em nossos dizeres, saberes e fazeres, logo, é preciso entender as suas mensagens, analisá-las e compreendê-las em diversos contextos (Belluzzo, 2023). Assim sendo, entende-se que é preciso estar envolto em um processo educativo constante para que as pessoas possam fazê-lo de maneira efetiva. Afinal, acessar conteúdos informacionais e tensionar o uso e aplicabilidade em sua vida, colabora sobremaneira para que se emancipem.

Torna-se pertinente reconhecer que Guterres (2023), ao trazer à luz as formas como a vida se manifesta, pautadas a partir das narrativas (auto)biográficas, da observação e das fotografias, contribuiu para que fosse possível visualizar as ruralidades, isto é, modos de vida, que emergem no espaço rural riachoense, demonstrando,



sobretudo, a necessidade de desenvolver Competência em Informação para ser e permanecer nesses espaços, em função das inscrições informacionais que emergem das ruralidades em Riachão do Dantas e das relações sociais que os atores estabelecem.

As narrativas (auto)biográficas, por sua natureza, apresentam-se dotadas de questões sociais que ajudam a tecer a história de vida da singularidade inclusa em contextos comunitários. Entende-se que a informação está enlaçada a essas vidas, na medida em que o cotidiano e as situações que emergem (d)nele carregam um fator informacional que ajuda na constituição dos *eus*. As maneiras como as informações são usadas, contudo, reconfiguram essas realidades. Ao narrar, os sujeitos rurais podem (re)pensar a Competência em Informação desenvolvida e empregada, na medida em que detectam em seu vivido, situações em que deveriam ter feito diferente.

Há, portanto, o entendimento de que o movimento (auto)biográfico possibilita a (auto)reflexão sobre as implicações Competência em Informação nas itinerâncias de sua vida, o que os mobiliza a aprender, a questionar, a buscar novos direcionamentos para as suas vidas a partir do acesso e uso de recursos informacionais. Sobre essa questão, Delory-Momberger (2012, p. 526) diz que as experiências vivenciadas são “atravessada[s] pela história, pelo social, pelo político, de ser em grande parte feita de representações, crenças coletivas, de discursos alheios[...]”. Logo, nesse transcurso, surgem conhecimentos sobre o eu e o seu mundo social.

O modo como a vida se manifesta na roça riachoense, evidenciado em Guterres (2023), nos ajuda a entender a incursão de elementos informacionais imbricados em cada devir. Esse movimento aciona a necessidade de desenvolver e empregar Competência em Informação no rural riachoense, tendo em vista as implicações de acesso e uso informacional nesse ambiente.

Ademais, concordamos e reconhecemos o direito ao acesso efetivo a informações, empregando competências, como condição indispensável para que os sujeitos compreendam o contexto comunitário e social no qual estão inseridos, para saber dizer com suas próprias palavras, isto é, empoderar-se. Em situações que exigem tensionamentos de ideias, sejam questionadores com propriedade e saibam reconhecer ocasiões em que há a violação dos direitos humanos, como preconceitos, desinformação, negação ao direito à informação, à educação, à saúde, ao trabalho, portanto, a uma vida digna.



Compreende-se que a pesquisa (auto)biográfica e os seus dispositivos de pesquisa, tal qual a narrativa, contribui sobremaneira para evidenciar, por meio do vivido, das experiências, o sentido da Competência em Informação, que está presente nessas vivências de modo indissolúvel. Além disso, o próprio ato de (auto)biografar-se aciona um processo de (auto)reflexão sobre as competências desenvolvidas e mobiliza a necessidade de refletir e desenvolver novos saberes, habilidades, atitudes e valores em relação a informação, podendo ser considerado, portanto, um dispositivo de formação.

O processo formativo para que as pessoas possam exercer os seus direitos civis é fundamental para que se conceba um decurso onde se emancipem e, como assevera Freire (2019), saibam dizer com as suas próprias palavras. A educação voltada à Competência em Informação, na concepção de Dudziak (2002, p. 6), é [...] aquela que socializa o acesso à informação, ao conhecimento e ao aprendizado”, compreende o processo de aprendizagem como um processo e “adota práticas pedagógicas voltadas para a construção de conhecimento, o aprendizado independente e o aprendizado ao longo da vida”, com vistas à resolução de problemas decorrentes da vida em sociedade. Ademais, é preciso envolver a comunidade em todo o processo de planejamento e execução das ações educacionais.

Maybee e colaboradores (2023) dizem que é preciso pensar em um ambiente de ensino e aprendizagem onde se trate os participantes com respeito e dignidade, reconheça o papel do educador em motivar os educandos, busque em comunhão o entendimento da integridade da informação, compreenda os contornos da informação e identifique o quão complexo é o processo de acesso à informação e a construção de saberes.

Harmoniza-se com Freire (2019), quando afirma que é preciso viabilizar um espaço onde educador e educando partilhem do diálogo, da humildade, da generosidade e da alegria de ensinar e aprender, características fundamentais para que haja aprendizado. Em Guterres (2023) apresenta-se orientações para o planejamento de Educação em Competência em Informação, onde os participantes participam de todo o processo, com vistas a de fato atender às necessidades que emergem de suas experiências.

Quadro 1 – Educação em Competência em Informação - planejamento

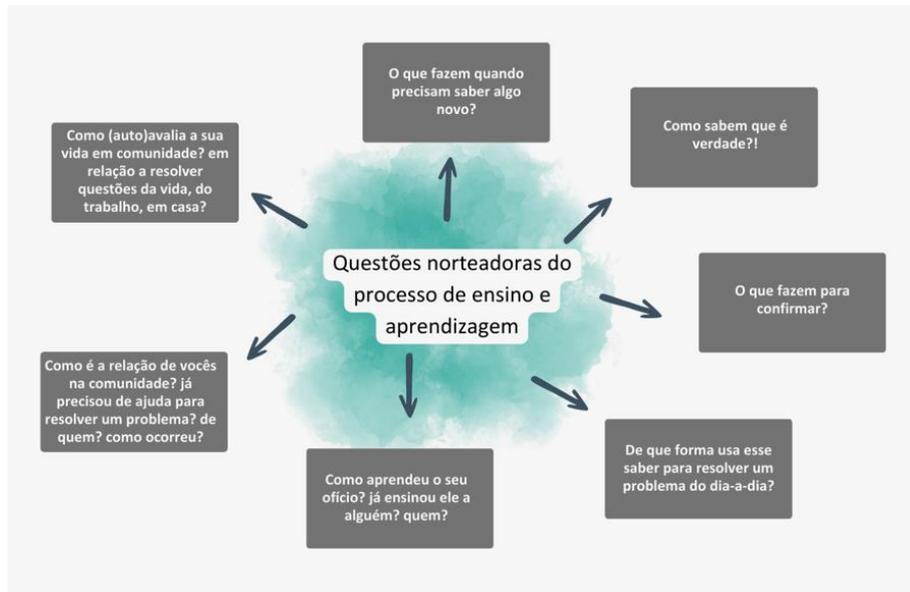
1	Objetivos da atividade
2	motivação e contextualização da proposta de ensino da Competência em Informação
3	dialogar sobre os conhecimentos prévios
4	identificação e evidências das distintas situações em que transitam as informações
5	apresentação dos problemas informacionais enfrentados
6	definição das estratégias de pesquisa e diálogo entre os sujeitos para resolver o problema identificado
7	realização da pesquisa
8	seleção de conteúdos relevantes em relação à situação a ser resolvida
9	diálogo do processo seguido e das informações obtidas
10	identificação colaborativa do grupo de aprendentes sobre as soluções encontradas para resolver os problemas de acesso e uso informacional
11	desenvolvimento de Competência em Informação
12	autoavaliação

Fonte: Adaptado de Guterres (2023)

São doze os passos que podem ser considerados relevantes ao planejar ações educativas em Competência em Informação na roça. Isso justifica-se em função de que é preciso apresentar os objetivos da atividade, contextualizá-la com os modos de vida dos sujeitos participantes, empreender diálogo sobre o vivido dos participantes, pois esses saberes são valiosos, além de identificar os momentos do cotidiano dos participantes em que necessitam de informação para resolver inquietações.

Além disso, elenca-se entraves no processo de acesso e uso informacional, busca informações que tenham potencialidade de resolver a demanda, dialoga, lê, compara, verifica e analisa as informações e, ainda, lista e organiza o que foi recuperado em termos de informação. Além do mais, educador e educandos dialogam sobre as implicações do processo, partilham a experiência vivenciada, o educador conduz a explicitação das competências desenvolvidas e reflete sobre elas junto ao grupo e procede-se à autoavaliação do processo. Adiciona-se, também, questionamentos (figura 1) que podem nortear o ensino da Competência em comunidades rurais.

Figura 1 – questões norteadoras para o ensino e aprendizagem



Fonte: Adaptado de Guterres (2023)

Essas perguntas podem contribuir para que as ações desejáveis para empregar Competência em Informação sejam traduzidas para as pessoas, em vista que elas, por vezes, podem não compreender a linguagem acadêmico/científica em torno da temática.

Para promover uma Educação em Competência em Informação, torna-se oportuno amparar-se em uma concepção pedagógica em que as pessoas autorrefletem durante o processo de aprendizagem, numa dinâmica constante de tomada de consciência. A consciência de si e a consciência de mundo, na visão de Freire (2019), correspondem a um tipo de comunhão, em função de que se concretizam e crescem juntas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre a Competência em Informação na roça, com o intuito de avançar nos estudos e ações empreendidas nesses espaços, torna-se inevitável constatar que é preciso reconhecer o direito ao acesso efetivo a informações e, com as pessoas que residem no rural não é diferente. Nesse processo, torna-se fulcral a necessidade de desenvolver e empregar competência constantemente, para que os sujeitos compreendam o contexto comunitário e social no qual estão inseridos e, sobretudo, saibam dizer com suas próprias palavras, numa perspectiva emancipatória.

Evidencia a pertinência da escolha epistêmico-metodológica da pesquisa (auto)biográfica e seus dispositivos de pesquisa, tanto para trazer à tona o modo como



as pessoas lidam com a informação na roça, quanto para que (re)pensem o vivido e o (re)configurem, numa perspectiva formativa.

Ademais, o planejamento de ações de Educação em Competência em Informação e os questionamentos norteadores do ensino e aprendizagem, podem colaborar para conceber ações efetivas de promoção de competência na roça. Não se pretendeu esgotar os debates sobre a temática, mas empreendeu-se esforços para cristalizar a presença da Ciência da Informação e da Biblioteconomia atuando em espaços rurais brasileiros.

Os próximos passos da pesquisa estão sendo delineados, a partir da criação do Programa de Extensão Labinfovidas, que objetiva promover reflexões e ações no campo da Competência em Informação em diversificados contextos sociais, dentre eles os rurais. Defende-se que os modos de vida nos conduzem ao entendimento de que há uma complexa dualidade onde os antigos costumes e tradições se unem às inovações tecnológicas e, nesse contexto, emerge a necessidade de desenvolver e empregar Competência em Informação com o afã de resolver problemas cotidianos, decorrentes da vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

ASSOCIATION OF COLLEGE E RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **Framework for Information Literacy for Higher Education**. 2016. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/sites/ala.org.acrl/files/content/issues/infolit/framework1.pdf>. Acesso em: 11 out. 2023.

BRASIL. Constituição. **Brasília (DF)**, 1988.

BRASIL. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018.

CILIP. **CILIP Definition of Information Literacy**. 2018. Disponível em: <https://infolit.org.uk/ILdefinitionCILIP2018.pdf>. Acesso em: 26. jun. 2024.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, dez. 2012, v.17, n. 51, p. 523-536. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>. Acesso em: 11 out. 2023.

DUDZIAK, E. Information Literacy Education: integração pedagógica entre bibliotecários e docentes, visando a competência em informação e o aprendizado ao longo da vida. *In*: Seminário Nacional de Bibliotecas, 12, Recife. **Anais** [...] Recife: UFPE, 2002.



DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. *Ciência da informação*, v. 32, p. 23-35, 2003.

FREIRE. Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GUTERRES, Jaires Oliveira Santos. **Vidas entrelaçadas pela informação**: desvelamentos nas narrativas e sentidos do ser da roça agrestiana. 2023. 277f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, 2023.

MAYBEE, Clarence et al. Recognizing information literacy as a discipline: Reflections on an ACRL 2023 panel discussion. *College & Research Libraries News*, v. 84, n. 10, p. 363, 2023.

OLDENBURG, Laurine; GRIESBAUM, Joachim. Everyday information literacy in rural areas. **Information Research**. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. 1948.

PARVATHAMMA, N.; PATTAR, Danappa. Information literacy among the rural community in an economically backward region of Karnataka State, India. **Journal of agricultural & food information**, v. 14, n. 1, p. 26-36, 2013.

PATTAR, Danappa. **Information Literacy Models for Rural Community**. Mauritius: LAMBERT Academic Publishing, 2018.

PUSPITA, Indah. Impact of Digital Literacy Programs on Information Access in Rural African Communities in Indonesia. *African Journal of Information and Knowledge Management*, v. 2, n. 1, p. 13-26, 2023

UZUEGBU, C. P.; NAGA, M. M. **Information literacy model**: A framework for orally-rural publics. *In: International conference proceedings on library and information services in knowledge society: Innovative, value added services and best practices*, edited by Pravakar Rath, R. K. Ngurtinkhuma, & R. N. Mishra (pp. 123 -134). Aizawl, India: Excel India, 2017

Yin, R.K. (2016). **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso.